

## Matar o outro: etnicídio, epistemicídio e linguicídio na formação histórico-cultural da América Latina

*Killing the other: ethnicity, epistemicide and linguicide  
in the historical-cultural formation of Latin America*

Alcione Nawroski

Universidade de Varsóvia

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9036-7169>

E-mail: [a.nawroski@uw.edu.pl](mailto:a.nawroski@uw.edu.pl)

Francisco Vanderlei Ferreira da Costa

Instituto Federal da Bahia (IFBA)

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5236-571X>

E-mail: [francisco@ifba.edu.br](mailto:francisco@ifba.edu.br)

Escreve quem sabe. No mundo acadêmico, o conhecimento é legitimado pela escrita e é por meio dela que o intelectual divulga informações sobre um povo e uma cultura. Ao olharmos para as ciências produzidas nas Américas, é possível verificar que elas estão legitimadas em grande medida pelas línguas dos colonizadores (indo-europeias). Poucas interrogações incorrem do porquê isso acontece. O questionamento visa impulsionar as pesquisas sobre as colonizações das Américas, sobretudo da cultura e da língua.

Focados no projeto de colonização europeia, o dossiê aqui proposto almeja travar um diálogo entre colonialidade e decolonialidade, a partir das epistemologias do Sul cunhadas por Boaventura dos Santos, Gayatri Spivak Frantz Fanon, Anibal Quijano, Enrique Dussel, dentre outros, e trabalhadas por Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Lynn Mário Trindade e Marcos Bagno.

Do latim *cide*, o dossiê versa sobre o “matar” das etnias, dos conhecimentos/saberes e das línguas nas Américas, projeto que se iniciou no século XV. O extermínio do conhecimento, da língua, da cultura pelos colonizadores reverberou num ato de morte, resultando na subserviência e dependência eurocêntrica.

Dos povos originários às populações afrodescendentes, passando por diferentes grupos étnicos, frequentamos uma escola que legitima o conhecimento monolíngue formatado pela norma padrão do colonizador. Assim, narrar as histórias das Américas pela língua do branco, põe nas margens todas as outras formas de pensar, de expressar, de escrever.

No Brasil, desde o primeiro projeto de educação, a educação dos povos originários foi tutelada pelos colonizadores e capitaneada pelos educadores brancos. Nela perpetuou a língua portuguesa como um projeto nacional de expansão criado pela colonialidade, enquanto as línguas dos povos originários não eram consideradas línguas, mas dialetos. A consequência do projeto de colonização linguística na América Latina resulta no apagamento de mais de 500 línguas nativas, onde algumas ainda sobrevivem e compõe as pesquisas deste dossiê. Como podemos ver nos textos apresentados, resistir a morte das línguas nativas não é tarefa fácil, uma vez que passam por pressões econômicas, êxodo de seus territórios e falta de políticas de revitalização. Por outro lado, apresentamos 11 textos que reascendem algumas esperanças.

Os textos, escritos na língua dos colonizadores, estão permeados de marcas africanizadas e indigenistas. O dossiê surgiu das emergências e acolheu contribuições que abordam as dimensões históricas, sociais, culturais, sociolinguísticas e educacionais nas sociedades latino-americanas, mas não só; entendendo o extermínio da língua do outro como um projeto da colonialidade linguística. Além do mais, pretende-se refletir sobre as estratégias de revitalização dos saberes, das culturas e das línguas dos povos minoritários sob a ótica da diversidade que compõem a América Latina. Importante destacar que o olhar para as línguas das minorias da América Latina, suscitou outros olhares, como por exemplo, para o kimbundu na Angola.

Do epistemicídio como refletor da prática genocida que também reverberou no linguicídio - compreendido pela língua do colonizador como uma forma de desapropriação do sujeito do seu próprio direito da produção do saber - o presente dossiê, publicado no número 30 da Revista del CESLA - International Latin American Studies Review, apresenta 11 artigos escritos em português e espanhol por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes gerações e países.

Os textos analisam, sob diferentes perspectivas, a morte, mas também a sobrevivência e a vida das línguas e culturas que constituem a diversidade da América Latina, além de lançar uma olhar além-mar para Angola. A língua, a cultura, os modos de ser e fazer de diversos grupos minoritários estão historicamente sendo extintas. Diferentes povos reagem, lutam para que suas línguas não sejam

esquecidas, que suas culturas sejam fortalecidas e que elementos em extinção possam renascer a partir dos processos protagonizados pelos povos locais. A revitalização é uma forma de reação ao extermínio, onde as línguas, por exemplo, estão em diferentes processos de uso e de revitalização. Destarte, o dossiê reúne uma coletânea de textos, indicando novos caminhos e possibilidades.

Texto 1 - *O projeto nacional crioulo como proposta de etno/epistemicídio indígena: Confluências nos textos fundadores latino-americanos do século XIX*, de Paulo Rodrigo Pereira da Silva trata da consolidação de Estado-Nação por grupos oligárquicos crioulos descendentes dos povos brancos conquistadores, a exemplo de, Simon Bolívar, José Inácio de Abreu e Lima, José Henrique Rodó, Domingos Faustino Sarmiento, José Enrique Rodó entre outros que buscavam nos moldes europeus a base para as estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas na América.

O texto 2 – *La lengua materna indígena y las paradojas de la revitalización lingüística* de Nicanor Rebolledo Recendiz analisa as línguas maternas indígenas no México para pensar nas possibilidades de ensino-aprendizagem de uma língua adicional no contexto da educação indígena rural e urbana.

O texto 3 – *Entre encantados e outras criaturas sobrenaturais: A identidade linguístico-cultural híbrida do Brasil e da Argentina em narrativas orais* de Samuel Figueira-Cardoso e Mariano Dubin aborda as narrativas orais afiliadas ao lendário argentino e brasileiro como práticas sociocomunicativas reveladoras de uma identidade híbrida constitutiva da identidade cultural do seu meio.

O texto 4 - *Violencia y terrorismo económico en las tierras del pueblo asháninka, Perú* de Katalin Jancsó trata do conflito armado na Amazonia Peruana que se estende desde a chegada dos primeiros colonos europeus aos dias atuais marcados pelo narcotráfico e ações terroristas provocados pelos invasores.

O texto 5 - *Arandu Eté e a arte de contar histórias* de Aloísio Monteiro, Kátia Antunes Zephíro e Lais Amanda Ribeiro Pimentel faz uma discussão teórica inspirada em Walter Benjamin que defende a arte de narrar como forma de manter a vitalidade da sabedoria dos anciões.

O texto 6 - *Línguas indígenas no Nordeste brasileiro: esboço político-linguístico de seus processos* de Leandro Durazzo Opará e Francisco Vanderlei Ferreira da Costa se concentra num levantamento inicial dos processos de revitalização/retomada linguística em curso da língua dos povos do Nordeste indígena.

O texto 7 - *Semeando a terra, colhendo os frutos: a autodesconstrução do epistemicídio Paiter Suruí* de Zeus Moreno Romero objetiva mostrar como estudantes Paiter Suruí adentraram o campo da universidade do colonizador

e contribuíram com a produção científica ao escreverem sobre a sua história.

O texto 8 - *A “viagem da volta”*: o ensino da língua e a territorialização nas aldeias Sede e Ytuaçu da Terra Indígena Alto Rio Guamá – Pará de Vanderlúcia da Silva Ponte, Jaqueline dos Santos Souza, Tabita Fernandes da Silva, Maria Roseane Corrêa Pinto Lima e Bewãri Tembê investiga como o ensino da Língua Tembê impulsionou as memórias histórica de contato e os saberes dos mais velhos para legitimar seus conhecimentos.

O texto 9 - *A vitalidade de línguas em Roraima (Brasil) em ações para a reversão no processo* de Paulo Jeferson Pilar Araújo, examina o ensino das línguas Macuxi e Wapixana, consideras como em risco por meio de programas radiofônicos.

Os textos apresentados até aqui concentram esforços em olhar para a América, sobretudo Latina. Por fim, o dossiê encerra com um último texto que partiu da América (Brasil) para olhar para à África Colonial, lembrando que as pesquisas do arcabouço teórico deste dossiê destacam que as línguas africanas marcam expressivamente as línguas faladas na América.

O texto 10 – *Quando a morte encontra as línguas, elas estão vivas* de Valdir Heitor Barzotto e Sheila Perina de Souza concentra-se no kimbundu, língua de Angola, nomeadamente no livro “A rainha Ginga: E de como os africanos inventaram o mundo” escrito por José Eduardo Agualusa, e o “Manual/Livro didático de língua portuguesa da 6ª classe” para refletir sobre a morte social das línguas africanas na sociedade colonial como um projeto proposto pelo Estado colonial.

Esperamos que o conjunto de artigos aqui reunidos sejam motes para outras pesquisas e possam assim estar mais e mais contribuindo para descolonizar os conhecimentos sobre a América Latina.